

SEMINÁRIOS IMAGÉTICA E CONEXÕES MUNDIAIS (a investigação em coordenação com os três ciclos de ensino superior)

Coordenação científica:

Maria Leonor García da Cruz (CHUL, Universidade de Lisboa) e Maria de Deus Beites Manso (CICP, Universidade de Évora)
ml.garciacruz@gmail.com / mariadeusmanso@gmail.com

Organização:

Centro de História da Universidade de Lisboa (UIDB/04311/2020; UIDP/04311/2020) / Programa de Estudos Imagética
Centro de Investigação em Ciência Política (UIDB/CPO/00758/2020) / Universidade de Évora e Universidade do Minho
Sociedade de Geografia de Lisboa – Secção Artes e Literatura

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 20 de Junho de 2022, sessão por videoconferência, 14h (hora de Lisboa)

<https://videoconf-colibri.zoom.us/j/83469444272?pwd=ZnVlaktXRERGeDdzZkU1c1dPS3hQUT09>

XVII ciclo de palestras

Investigadores convidados:

ALCINDA P. SOUSA

Doutorada em literatura inglesa pela Universidade de Lisboa, com a tese «*As the Eye – Such the Object*»: *Da arte e da ciência em William Blake*. Foi docente da Faculdade de Letras daquela Universidade e é investigadora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL), tendo aí dirigido o grupo de investigação Estudos Ingleses: Literatura. Como docente e investigadora, trabalhou, nomeadamente, nas áreas dos estudos literários e de cultura visual. Ao longo dos últimos anos, tem desenvolvido investigação sobre as leituras Pessoaanas dos românticos ingleses.

E-mail: alcindapinheiro@netcabo.pt

TEMA DA PALESTRA

William Blake nas diversas encruzilhadas da modernidade

Nascido em 1757, William Blake foi um londrino poeta, gravador e ilustrador, e pintor, tendo composto canções (*Songs of Innocence and of Experience*, 1789, 1794, <http://www.blakearchive.org/work/songsie>) para dar a ver e ouvir – “London” é uma delas (1794, <http://www.blakearchive.org/copy/songsie.r?desclD=songsie.r.illbk.48>). Blake foi também um pensador contemporâneo das Revoluções Americana e Francesa e das Guerras Napoleónicas, encruzilhada a partir da qual criou o seu próprio sistema, re-desenhando alguns dos que tinham emergido da primeira encruzilhada da modernidade, entre idade média e renascimento: eram eles, além dos de vários outros, os de Rafael e Shakespeare e, antes destes, os de Dürer, Dante e Chaucer ou, depois de todos esses sistemas, o de Newton, visualizado na sua gravura com o mesmo título (1795, <http://www.blakearchive.org/copy/cpd?desclD=but306.1.cprint.01>). Nesta viragem do século XX para o XXI, como nova encruzilhada da modernidade, os trabalhos de Blake parecem estar a interrogar-nos com uma pujança cada vez maior e mais alargada. Dir-se-ia que o seu carácter visual, e frequentemente epigramático, tem propiciado a recepção de Blake nas sociedades contemporâneas, configuradas pela cultura visual e da mensagem absolutamente concisa, o que poderia facilmente demonstrar-se mediante a visualização de “Proverbs of Hell” (1790, <http://www.blakearchive.org/copy/mhh.h?desclD=mhh.h.illbk.07>), incluídos em *The Marriage of Heaven and Hell*. Mas será apenas isto?

TERESA DE ATAÍDE MALAFAIA

Doutorada em Cultura Inglesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com uma tese intitulada “Os Caminhos da Perfeição. Estudo sobre o Pensamento Político e Social na Obra Ensaística de Matthew Arnold”. Fez Mestrado em Literatura Inglesa com dissertação sobre “Walter Pater. O Relativismo Estético e a Função do Crítico”. Professora Associada e investigadora no Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, tem publicado sobre ensaístas vitorianos, artistas Pré-Rafaelitas e estratégias de exibição em museus. Dedicar-se aos Estudos Vitorianos e participa no projecto de investigação intitulado “Memórias Viajantes: Materializações Votivas no Mar e na Cidade”, problematizando os modos como os museus realizam a apropriação digital dos patrimónios culturais.

E-mail: vmalafaia@mail.telepac.pt

TEMA DA PALESTRA

Transgredindo o *decorum* vitoriano. Representações de *Ophelia* e *The Lady of Shalott* no Pre-Rafaelitismo

Em 1848, a *Pre-Raphaelite Brotherhood*, movimento artístico controverso formado por Dante Gabriel Rossetti, William Holman Hunt e John Millais, contesta as normas estéticas preconizadas pela Royal Academy, Londres. Verdadeiro movimento *avant-garde*, formado por jovens artistas, exerce influência na arte de finais do século XIX e princípios do século XX.

Ainda que questionem os cânones estético e temático, ilustram as antinomias vitorianas e o modo como ‘o espírito da época’ (“The Spirit Of the Age”, John Stuart Mill, 1831) se relacionava com a História. Da mesma forma que encontramos uma apropriação vitoriana do Renascimento, também convivemos com o mito do Medievalismo, presente em representações de *Ophelia* e *The Lady of Shalott* da autoria de membros da Irmandade. Estes publicam as suas premissas estéticas em *The Germ: Thoughts towards Nature in Poetry, Literature and Art* (1850) e, a partir de certa altura, são apoiados pela figura tutelar de John Ruskin. O facto de se tratar de um manifesto, em grupo, leva parte da crítica a considerá-los modernos, nomeadamente devido às técnicas escolhidas.

A atitude de subversão também era visível na escolha das modelos. O seu próprio comportamento - ousar ser modelo - implicava uma atitude transgressora que, frequentemente, correspondia e/ou conduzia a formas de degradação social devido, não apenas às expectativas quanto género feminino, mas também à classe social. Efectivamente, nenhum destes princípios contribuiria, à partida, para atenuar as antinomias da sociedade vitoriana e inverter as tradições de subordinação da mulher como algumas das representações visuais ilustram.

MARIA LEONOR GARCÍA DA CRUZ

Professora e Investigadora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutora em História Moderna (1999). Lecciona e pesquisa no âmbito de História Moderna e de História da Expansão e dos Impérios (Europa, Magrebe, Brasil, Ásia), orientando teses (MA, PhD e pós-doutoramento) em campos específicos da sua especialidade: sociedades, mentalidades, orgânica institucional, espiritualidade e ética, gestão político-financeira, representações.

Membro do Centro de História da Universidade de Lisboa, integra os grupos de investigação “Building and Connecting Empires” e “Cultural Encounters and Intersecting Societies”, sendo Investigadora responsável de projectos de investigação activos no âmbito de Programas de Estudo que coordena:

- IMAGÉTICA (desde 2005): interdisciplinar, sobre imagens, representações e construções identitárias (transversalidade epocal e espacial);
- FAZENDA (desde 2009): história do pensamento e da gestão económica, fiscalidade, redes sociais, política e ética, instâncias, séculos XV-XIX.

Muitos dos seus textos editados encontram-se publicados em formato digital no RCAAP e em edições indexadas.

<https://ulisboa.academia.edu/MariaLeonorGarciaCruz/CurriculumVitae>

E-mail: ml.garciacruz@gmail.com - cruzmaria@campus.ul.pt

TEMA DA PALESTRA

Nascimento de novos grupos sociais e plasticidade imagética na América portuguesa

Descendentes de europeus e índias, os denominados mamelucos já no século XVI, constituíram uma força social nova no povoamento do Brasil, facto que convém realçar.

A investigação, em particular na área da História e da Antropologia tem vindo a problematizar o fenómeno da mestiçagem e as políticas de miscigenação, decorrente daí problematizações e conceitos em discussão. Numa interpretação contraposta à definição de mestiçagem cultural, ou até de cultura mameluca, o que pressupõe um hibridismo, fala-se antes de amálgama cultural.

Quer isto dizer que ressalta no estudo do mameluco a existência de um perfil plural, a sobrevivência de uma dualidade de mundos culturais, que, no entanto, é explorado no processo de colonização da América portuguesa.

Destaca-se assim, do contexto social e com leituras diversas consoante as épocas e regiões, o mameluco, depositário de traços residuais do ameríndio e agente social interactivo com colonizadores, colonos, indígenas e mão-de-obra escrava. A sua plasticidade é dinâmica e a sua intervenção nas terras brasileiras incontestável.

E a mulher mameluca? Que novidade traz consigo? Limita-se ao seu papel privilegiado de consorte de europeus e garantia de sucesso de uma política de povoamento, ou representa, ela própria, uma mulher diferente, híbrida nas suas características essenciais, em parte ou totalmente aculturada?

Nem todas as interrogações são passíveis de uma única e esclarecedora resposta. Iremos até onde as fontes nos permitirem tirar ilações ou despertar reflexões que requerem ainda investigação.

Contactos:

Seminários Imagética e Conexões Mundiais – Coordenação

ml.garciacruz@gmail.com / mariadeusmanso@gmail.com

<https://sites.google.com/site/imagetica0flul/>